

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL NA POESIA HAITIANA: INÍCIO DE UMA REFLEXÃO

CONSTRUCTION DE L'IDENTITÉ NATIONALE DANS LA POÉSIE HAITIENNE: DÉBUT D'UNE REFLEXION

Dieumettre Jean¹
dieumettre@yahoo.fr

Resumo: O objetivo geral do presente trabalho consiste em traçar um percurso histórico sobre a poesia haitiana de 1804 a 1836 à luz da temática de construção da identidade nacional. O trabalho mobiliza como aparato teórico o conceito de construção da identidade nacional, segundo a perspectiva de Stuart Hall (1995), Anne-Marie Thiesse (1999) e Alain Frienkielkraut (2013). Este trabalho fundamenta-se principalmente na análise dos poemas *Macanda*, de Herard Dumelse, e *Hymne à la liberté*, de Antoine Dupré. O cotejo entre esses dois poemas, à luz de questões identitárias, demonstra que, na poesia haitiana desse período, processos de construção de uma identidade nacional se dão pela mistura do culto de amor pela pátria e, ao mesmo tempo, pelo culto de ódio para com o outro (considerado este como possível agressor). Ademais, a análise dos poemas-alvo demonstra trajetões de resistência do “eu” poético fraturado que rastreava resquícios de suas lembranças traumáticas e abomináveis do sistema de escravatura, esforços mais imediatos para construir uma sensibilidade nacional para e com um povo que não tinha muito em comum, senão o ódio aos antigos agressores.

Palavras-chave: Identidade nacional. Literatura Haitiana. Poesia. *Macanda*. *Hymne à la liberté*.

Résumé: L'objectif général du présent travail consiste à tracer un parcours historique sur la poésie haïtienne de 1804 à 1836 à la lumière de la thématique de construction de l'identité nationale. Le travail déploie comme base théorique le concept de la construction de l'identité nationale, suivant la perspective de Stuart Hall (1995), Anne-Marie Thiesse (1999) et Alain Frienkielkraut (2013). Ce travail s'appuie principalement sur l'analyse des poèmes, *Macanda*, de Herard Dumelse, et *Hymne à la liberté*, de Antoine Dupré. Dans la poésie haïtienne de ladite période, l'analyse de ces deux poèmes à la lumière des questions identitaires démontre que des processus de construction d'une identité nationale se donnent par le mélange du culte de l'amour pour la patrie et, en même temps, par le culte de la haine pour l'autre (celui-ci considéré comme éventuel agresseur). En outre, l'analyse de ces poèmes démontre que des trajectoires de résistance d'un “je” poétique fracturé qui suivent des traces de ses souvenirs traumatiques et abominables du système d'esclavage, des efforts plus immédiats pour construire une sensibilité nationale pour et avec un peuple qui n'avait pas beaucoup en commun sinon la haine pour ses anciens agresseurs.

Mots-clés: Identité nationale. Littérature Haïtienne. Poésie. *Macanda*. *Hymne à la liberté*.

¹ Licenciado em Letras pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e Mestre em Letras pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP/Campus Guarulhos.

1 Introdução

Após a proclamação da independência do Haiti, em 1º janeiro 1804, os líderes haitianos, como postula Hurbon (1987), veem-se enfrentando um duplo desafio: superar divisões raciais internas criadas pela escravidão (brancos, pardos e negros) e erigir um Estado independente que poderia opor-se às potências escravagistas da época. É, por conseguinte, também inegável que as produções literárias e artísticas do país, durante as primeiras décadas da independência, se ressentam de tais desafios. Apontando que a literatura haitiana nasceu em 1804 com a independência do país, historiadores e críticos literários ressaltam que a literatura haitiana, na sua infância, é caracterizada essencialmente pelo desejo dos escritores de inculcar nos seus concidadãos o sentimento patriótico e, ao mesmo tempo, de defender a independência do país (VAVAL, 1933; PRICE-MARS, 1959; HOFFMAN, 1995; JEAN, 2013). A temática de construção da identidade nacional parece-nos, portanto, um bom instrumento para estudar as produções literárias da primeira geração de escritores haitianos.

Nesse viés, o principal questionamento que norteia este trabalho é: como se dão os processos de inculcar o amor patriótico e a defesa da independência na poesia haitiana durante os três primeiros decênios do Haiti pós-independente? A partir desse questionamento, o presente trabalho objetiva apresentar alguns apontamentos sobre a história da literatura haitiana durante os três primeiros decênios pós-independentes sob a luz da temática de construção de identidade nacional. Logo, a partir da análise dos poemas *Macanda* e *Hymne à la liberté*, respectivamente de Herard Dumelse e de Antoine Dupré, mostraremos como processos de construção da identidade nacional se davam na poesia haitiana entre 1804 a 1836 pela mistura do culto de amor pela pátria e do culto de ódio pelo outro (tomado como arqui-inimigo). Para tanto, este estudo é dividido em quatro seções. A primeira seção é um preâmbulo em que apresentamos alguns preliminares sobre a história do Haiti; na segunda, apontamos uma breve discussão sobre a temática de construção da identidade nacional e da história literária do Haiti durante o período citado; na terceira, discorremos brevemente sobre a produção poética desse período; e, na quarta seção, analisamos os dois poemas-alvo à luz da premissa de construção da identidade nacional.

Como procedimentos, traduzimos os dois poemas-alvo em português e os analisamos separadamente a partir da versão traduzida². Concluimos que a temática de construção de

² Os poemas são escritos em francês e são traduzidos por mim para o português para facilitar a análise. Em anexo, disponibilizo a versão original acompanhada da versão traduzida.

identidade nacional que perpassa as produções literárias do Haiti de 1804 a 1836 traz consigo questões centrais para a compreensão de construção da Nação haitiana.

2 Preâmbulo – ao tribunal da história

Reflexões que se debruçam sobre a temática de construção da identidade nacional, sobretudo em um país como o Haiti, que sofreu um longo processo de colonização³, devem levar em conta alguns fatos anteriores à proclamação da independência do país, em 1804. O povo, pois, que venceu as tropas do exército escravagista, que tomou posse do território no qual era transportado, é descendente do terrível tráfico transatlântico de negros desenraizados de várias regiões da África para a América. Conforme salienta Édouard Glissant (1990) o que se petrifica na importação de africanos para colônias das Américas é o desconhecido, afrontado sem preparação nem desafio. O autor salientou duas trevas que marcaram essa atrocidade: a primeira foi o desenraizamento, durante mais de dois séculos, de milhões de pessoas do seu meio habitual, dos seus deuses protetores, da sua comunidade tutelar. A segunda foram as torturas, a degeneração de ser, provinda de tantos incríveis infernos (GLISSANT, 1990, p.17). Uma vez desenraizado, o escravizado teve que compartilhar o desconhecido com pessoas que não conheceu, que não vieram de sua região, tampouco da mesma *tribu*. Então, quando esses escravizados, através de uniões circunstanciais ou conjunturais, conseguiram arrancar sua liberdade e tomar posse do território no qual foram importados e sofreram tantos traumas, o principal desafio girou em torno da construção de um Estado soberano e, ao mesmo tempo, da construção de novas referências e de novos valores para substituir os do período traumático.

Como destaca Maximilien Laroche, em 6 de dezembro 1492, quando os Ameríndios da região Môle Saint Nicolas da ilha do Haiti descobriram nas suas zonas costeiras alguns espanhóis que acabavam de desembarcar, não achavam acolher seus exterminadores. Porém, em menos de quinze anos após sua chegada, os conquistadores massacraram um milhão de habitantes da ilha (LAROCHE, 1991, p. 20), e a necessidade de obter mão de obra escrava os levou a importar negros da África; o primeiro grupo de escravizados chegou à ilha em 1503 (BELLEGARDE, 2012 citado por JEAN, 2015). Porém, os espanhóis não permaneceram

³ A ilha Ayiti Quisqueya ou Boyo teve o contato com o mundo ocidental em dezembro 1492, quando Cristóvão Colombo desembarcou, com seus companheiros, na ilha que eles passaram a chamar de *Hispaniola* (Pequena Espanha), por suas semelhanças com a Espanha. Desde então, a ilha sofreu uma longa colonização que durou até 1804, quando se tornou independente. Isso compreende, como se pode perceber, mais de três séculos de colonização.

livres de adversidades na ilha. Em 1625, aventureiros chegaram à ilha, atacaram os espanhóis e acabaram com a parte oeste da ilha⁴, a qual renomearam Saint-Domingue. Foi pelo preço de suor, de sangue e da morte de milhares de escravizados que, todavia, do final do século XVIII para o início do século XIX (LAROCHE, 199), estes escravizados, trazidos de várias regiões da África, libertaram-se dos seus tiranos.

A independência do país foi celebrada em 1º janeiro de 1804. Fruto de doze anos de lutas sem precedência⁵, sob o lema *libète ou lanmò* (liberdade ou morte). Essa independência proclamada tomou o dever de ser conservada e defendida ardente e apaixonadamente. Entende-se, então, por que o ato⁶ da independência foi intitulado *Swa Nou viv Lib oubyen nou Mouri* (Nós vivemos livres ou morremos). Uma vez independente, o país foi considerado pelas potências escravagistas da época como uma ameaça à ordem econômica, social e política. Assim, o país foi isolado política, econômica e diplomaticamente. Como salienta Maximilien Laroche, a singularidade da experiência histórica foi que sempre fez da coletividade haitiana um ponto de referência: primeiro Estado não anglófono da América, primeiro país independente cuja população é, na sua totalidade, da origem africana (no caso, o Haiti) onde, pela primeira vez na história do mundo, uma revolta de escravizados conduziu à vitória (LAROCHE 1991), e, após ter sido durante muito tempo um modelo a imitar,⁷ tornou-

⁴ No início do século XVII, aventureiros franceses e ingleses vieram estabelecer-se na ilha. E, logo, os franceses se livraram dos ingleses e atacaram os espanhóis, sob os quais conquistaram a parte ocidental da ilha, mas foi em 1697, através do tratado de Ryswick, que a ilha foi oficialmente dividida em duas partes: a Espanha ficaria com a parte leste, atualmente República Dominicana, e a França com a parte oeste, atualmente República do Haiti. A parte oeste da ilha passou a ser colônia francesa (SEGUY, 2014 citado por JEAN, 2015).

⁵ O primeiro passo do processo da revolução haitiana é a prática do *marronage*, em que escravizados fugiram das plantações de seus mestres para se refugiar em montanhas e praticar seus cultos. Na noite do dia 14 de agosto 1791, ocorreu, sob a direção de Boukman, uma cerimônia no Bois-Caïman, habitação Lenormand de Mezi, em que os escravizados presentes juraram fidelidade entre eles e rezaram ao seu Deus (PRICE-MARS, 1928 citado por JEAN, 2015). Nesta Cérémonie du Bois-Caïman, que teria sido um catalisador para a revolta dos escravizados, um porco foi sacrificado; todos beberam o sangue do animal sacrificado (pacto de sangue) e fizeram juramento de fidelidade à luta. No dia seguinte, uma onda revolucionária percorre o país: plantações e usinas de açúcar e de café foram incendiadas e brancos foram assassinados. Dutty Boukman, líder dessa onda revolucionária, foi decapitado, o corpo queimado pelos colonizadores franceses e a cabeça foi exibida em tentativa de dissipar o mito de invencibilidade que Boukman havia cultivado. Após a captura do líder Boukman, uma semana depois dessa cerimônia, a revolta foi liderada por Toussaint Louverture, mas, quando este último foi capturado pelo exército de Napoleão, as lutas foram lideradas por Dessalines, Christophe e Pétion – que venceram as tropas de Napoleão. A última batalha pela independência foi contra a expedição de Bonaparte em 18 de novembro 1803, em *Vertière*, localidade no departamento norte, cidade Cabo Haitiano, antigo Cabo Francês, onde venceram as últimas tropas de Napoleão no país.

⁶ O ato da independência está sendo considerado, na historiografia e na literatura do Haiti, como a certidão de nascimento da nação haitiana. Nele, os sujeitos da nova República juraram fidelidade à liberdade e à luta até o último suspiro, em vez de recair na escravidão.

⁷ No seu famoso estudo sobre intitulado *Os jacobinos negros: Toussaint Louverture e a Revolução de São Domingos*, Cyril Lionel Robert James ponderou que, em 1789, a colônia francesa das Índias Ocidentais de São Domingos [Haiti] representava dois terços do comércio exterior da França e era o maior mercado individual para o tráfico negreiro europeu. Era parte integral da vida econômica da época, o orgulho da França e a inveja de todas as nações imperialistas (JAMES, 2000, p.15 citado por JEAN, 2015, p. 12). O trabalho de James é um clássico sobre “a Revolução Haitiana”.

se, a partir da independência, um exemplo a evitar. Dessa forma, de acordo com Hoffman (1995), no rescaldo da Independência haitiana, em 1804, tratava-se, antes de mais nada, de defender a legitimidade da própria existência da nação, durante quase uma geração, pelo menos até 1825, quando, oficialmente⁸, a França reconheceu esta independência. Impactos do reconhecimento da independência fizeram-se sentir nas diferentes esferas de atividades do país, sobretudo na literatura.

3 O conceito de identidade nacional e início da literatura haitiana

A temática da identidade nacional ocupou lugar de destaque nas literaturas em países que conheceram processos de colonização – como é o caso do Haiti. Todavia, essa temática que perpassa obras literárias deve ser estudada à luz da criação de Estados Nacionais. De acordo com Alain Frienkielkraut (2013), é com o Romantismo que o tema identidade nacional aparece pela primeira vez na cena europeia. Sob esse aspecto, o autor ainda salienta:

[...] para que surgisse em plena luz a ancoragem de todos em um mesmo passado e para que aparecesse algo como identidade coletiva, foi necessário que se produzisse, sob o efeito de condições, este grande evento cultural: apropriação da generalização do sentimento de semelhante. (FRIENKIELKRAUT, 2013, p. 116).

Nessa mesma linha de pensamento, Anne-Marie Thiesse (1999), no seu estudo intitulado *La création des identités nationales: Europe XVIIIe-XXe siècle*, apresenta uma genealogia sobre a temática de identidade nacional. Conforme sua argumentação, a criação das identidades nacionais foi uma das grandes obras europeias do final do século XVIII e início do século XIX, da qual participaram massivamente intelectuais artistas e escritores. A autora prossegue sua argumentação, ponderando que o advento dos Estados Nações, no final do século XVIII e por todo o século XIX, na Europa, tornou-se possível em razão de um inédito sistema de identidades nacionais coletivas. Tal sistema de identidades nacionais estava sendo construído pela transmissão, através das gerações, de uma herança coletiva e inalienável. Por conseguinte, a criação das identidades nacionais consistiria em inventariar tal patrimônio comum, mas, na verdade, o que se promove é a sua invenção (THIESSE, 1999).

Nesse parâmetro, qualquer reflexão sobre a identidade nacional deve ponderar primeiramente os elementos que constituem tal patrimônio coletivo para poder analisá-los em seguida. Stuart Hall (1995) salienta que o conceito de identidade “nacional” pode ser

⁸ Em 1825, sob a pressão do governo francês, o então governo do Haiti teve que assinar e pagar uma indenização de 150 milhões de francos-ouro para que a França reconhecesse a independência do país – fato único na história, oculto até hoje. A aceitação de pagar essa indenização permitiu um alívio do embargo mundial que estrangulava o Haiti.

considerado como um grupo de indivíduos que se reconhece em traços históricos, culturais e de ancestrais comuns. De um lado, o autor deixa a entender que a identidade deve ser pensada, de certo modo, como uma produção que nunca se completa, que está sempre em processo de construção, de afirmação. Do outro lado, enfatiza que a identidade não possui uma origem fixa à qual podemos fazer um retorno final e absoluto: a identidade tem suas histórias, e as histórias, por sua vez, têm seus efeitos reais, materiais e simbólicos. Dentre os elementos que compõem o patrimônio da identidade nacional encontrados em Thiesse, citam-se: ancestrais fundadores, uma história, uma galeria de heróis, uma língua, monumentos culturais e históricos, uma paisagem típica. Thiesse enfatiza que a construção da identidade nacional não consiste apenas na elaboração de referências coletivas: “ela está acompanhada de um gigantesco trabalho pedagógico para que parcelas cada vez maiores da população as conhecem e nelas se reconhecem” (THIESSE, 1999). Entendemos, a partir desses apontamentos, que a identidade é resultado de construção historicamente situada que envolve processos de definição, de afirmação, de identificação e de seleção.

Referindo-se ao Haiti a partir da independência do país, em 1804, questões ligadas à construção da identidade nacional vão tornar-se motivo central dos debates no meio político e intelectual. No campo da literatura, com essa temática, escritores procuram afirmar a existência de uma Nação composta de antigos escravizados e, ao mesmo tempo, elaborar uma consciência que inspira no povo o sentimento de autoafirmação; ou seja, buscaram construir novas referências, novos valores para substituir os do abominável sistema colonial. Chega-se então ao ponto culminante da identidade coletiva haitiana tematizada na literatura do país.

Em primeiro lugar, de acordo com historiadores ou críticos da literatura haitiana como Duraciné Vaval (1933), Jean Price-Mars (1959), Roger Gaillard (1993), Léon François Hoffman (1995) e Eddy A. Jean (2013), a literatura propriamente dita do Haiti nasceu com a independência do país, em 1804. No seu estudo intitulado *Literature d’Haiti*, Léon-François Hoffman dedica uma parte à produção literária durante o longo período da escravidão. Enquanto o autor descobriu relatos que destacam a existência de uma vida teatral na colônia, salientou que nenhum romance, nenhuma coletânea de poesia jamais apareceu em Santo Domingo⁹. E, segundo Vassière (1909, p. 307 citado por Hoffman, 1995) dentre os

⁹ Segundo o Hoffman (1995) foi somente em 1724 que se abriu na cidade do Cap-Français (atualmente Cap-Haïtien) a primeira editoria-livraria, que foi fechada logo, após o seu proprietário ter sido acusado de ter colocado em venda livros obscenos. Depois disso, em 1763, na mesma cidade, e dois anos mais tarde, em Porto Príncipe (atual capital do Haiti) uma editora se instalou na colônia. A maior parte de sua produção se concentrou em documentos administrativos e comerciais [...]. Em 1764 a *Gazette de Saint-Domingue*, que se tornou mais tarde os *Avis divers sur les petits affiches américains*, começou a aparecer; ele tinha mil e quinhentos seguidores na véspera da revolução [...]. Entre 1765 a 1788 se abriram sucessivamente cinco livrarias-gabinete de leitura na

plantadores e negociantes da colônia: “não há ninguém, de fato, que se aplica ao estudo da literatura e da ciência cada um se ocupa apenas da sua fortuna, e todos se dividem entre a cultura e o comércio”. Essas constatações nos parecem naturalmente válidas, pois a nação haitiana não é posterior à proclamação da independência do país como já apontado até aqui. Além disso, como afirma Coutinho (1980, p.30, grifos nossos):

[...] as ciências, a poesia e as belas artes, filhas da liberdade, não são partilhadas pelo “escravizado”; irmãs da glória, fogem do país amaldiçoado onde a “escravização” rasteja, e só com a liberdade habitar podem.

Citado por Hoffman, o escritor haitiano Jacques-Stephen Alexis ressalta que:

A constituição da nação haitiana, em 1804, após a esmagadora vitória sobre o exército de Napoleão Bonaparte não é o fenômeno mais extraordinário de nossa existência como povo. Longe disso. O fato de que um povo negro, em mais de 99% analfabetos pudesse, em alguns anos, apesar da hostilidade de todo o ocidente colonialista, criar uma elite letrada possível de rivalizar com as da Europa – isto é o mais significativo. (ALEXIS, 1984, p.13 citado por HOFFMAN, 1995, p.128)¹⁰.

Com base nessa citação, há duas observações a serem elencadas: a formação da elite intelectual e a língua do Haiti recém-nascido. Em primeiro lugar, autores como Prince-Mars (1959), Hoffman (1995) destacam que, após a independência, o pouco de homens letrados que constituíram a elite intelectual do país era de antigos mulatos livres, alguns deles foram enviados à França para fazer seus estudos. Era o caso, por exemplo, de Luis Boisrond Tonnerre (1776-1806), Juste Chanlatte (1766-1842), Herard Dumesle (1774-1858), Jules Solime Milscent (1778-1842), pioneiros da literatura haitiana. No que se refere à língua, faz-se necessário salientar que, durante a colônia, nasceu o crioulo, língua que tinha muita importância na colônia, pois, em muitas circunstâncias, os colonizadores tiveram que aprender para administrar a colônia. Por exemplo, a reedição em 1785 do *Corde noire*¹¹ exige que a presente proclamação seja traduzida e publicada na língua dos escravizados (PRICE-

colônia, mas nenhuma informação foi encontrada sobre a frequência, tampouco sobre os tipos de obras que estavam disponíveis (HOFFMAN, 1995).

¹⁰ La constitution de la nation haitienne en 1804 après l'écrasante victoire sur l'armée de Napoléon Bonaparte n'est pas le phénomène le plus extraordinaire de notre existence de peuple, loin de là. Le fait qu'un peuple nègre, illettré à plus de 99% ait pu en quelques années malgré l'hostilité de tout l'Occident colonialiste, se créer une élite lettrée capable de rivaliser avec celles de l'Europe, est bien plus insigne et significatif [Todas as traduções, salvo indicação contrária, são do autor do artigo].

¹¹ Em 1687, em Versailles, Louis XIV, promulgou O *Code Noir* o qual pretendia manter nas colônias francesas da América a disciplina da Igreja Católica para regulamentar o que concerne o Estado e a qualidade dos escravizados. Entre outros, pretendia ser a primeira proteção dos escravizados: limitava a prática de tortura, o casamento entre escravizados e brancos e restringir a arbitrariedade dos mestres de escravizados. No entanto, esse código servia apenas para codificar a escravidão, era apenas uma farsa, os escravizados eram objetos a todos os tipos de tratamentos. No texto intitulado *Le Code Noir ou le calvaire de Canaan*, Louis Sala-Molins, afirma que o *Code Noir* foi o texto jurídico mais monstruoso produzido no mundo moderno (JEAN, 2015).

MARS, 1959). Também faz injunção, todas as segundas-feiras, ao proprietário de escravizados ou ao advogado, ou ainda ao gerente econômico de reunir os escravizados antes que eles dessem ao trabalho de ler exaustivamente, na versão em crioulo, o artigo 40 do *Código Negro*, que rege os seus deveres para que eles [os escravizados] ficassem cientes de seus deveres (PRICE-MARS, 1959). Sendo assim, é observável que o Haiti nasce com duas línguas: a dos colonizados e a dos colonizadores. Porém, a literatura propriamente dita iniciou-se em francês, apesar de a quase-totalidade da população da nova República ser, na época, analfabeta e falar apenas o crioulo haitiano; diante dessa evidência cabe-nos o seguinte questionamento: o que explica essa escolha linguística?

Em *La littérature haïtienne: Identité, langue, réalité* o crítico haitiano, Maximilien Laroche dá a entender que a hipótese mais plausível dessa escolha se tratava de uma escolha estratégica, uma vez que o público-alvo era o inimigo, a antiga metrópole, as potências escravagistas, querendo que estas entendessem e compreendessem a mensagem que estava sendo veiculada na nova República. De acordo com sua argumentação, “por razões igualmente técnicas (ausência de ortografia), ideológicas (desconhecimento da natureza do crioulo haitiano), os intelectuais haitianos não podiam escrever em outra língua que o francês” (LAROCHÉ, 1981, p.19-20). Quer dizer, a escolha de francês como língua literária do país se explica pelo fato de que os poucos homens letrados da época foram instruídos na França. Se nos apoiarmos em trabalhos de Hoffman (1995), Price-Mars (1959), Vaval (1933), outra hipótese (mesmo que seja ligada à primeira) focaliza o prestígio do francês: mostrar aos antigos colonizadores que homens considerados inferiores podiam manipular essa língua considerada de prestígio. A nosso ver, todas essas hipóteses são válidas, pois tanto uma quanto outra podem explicar a escolha do francês como a língua das produções literárias do país. Porém, tudo isso não impede que essa escolha seja criticada, pois a língua é um dos elementos centrais da identidade de um povo.

No entanto, as críticas fundamentadas no problema linguístico para negar a existência da literatura haitiana ou etiquetá-la de ramo da literatura francesa parecem-nos pouco fundamentadas. Dessa forma, é muito difícil entrar em um debate mal formulado (pelo menos aqui neste artigo); pois, no nosso entendimento, uma língua não é uma propriedade privada de um povo ou de uma nação; tampouco o é o único elemento indispensável para a existência de literatura nacional. Para nós, uma língua é o patrimônio cultural, digamos, de cada país ou comunidade que a fala, pois se duas nações falam uma mesma língua, não quer isso dizer que essa língua não tenha particularidades para cada uma dessas nações. Contudo, não fazemos apologia do francês como língua legítima da literatura haitiana; para nós, não há dúvida de

que a literatura do país deveria ser escrita na língua da totalidade da população: o crioulo haitiano. O que, afinal, sugerimos: o problema linguístico deveria ser colocado em relação ao público local, isto é, como artistas que se disseram educadores de um povo escolheram produzir obras numa língua estrangeira a esse povo de que pretendem ser seus educadores? A nosso ver, seria nesse terreno que o problema linguístico ganharia chão.

Passemos agora a algumas características das obras literárias haitianas durante o período estudado. Ao abordar as características das obras literárias haitianas – queiramos ou não –, temos que levar em consideração dois aspectos: a maneira como o país se tornou independente e a situação que se seguiu a essa independência. São praticamente a esses dois fatores norteadores que se recorrem para analisar obras literárias do período que vai da proclamação da independência ao reconhecimento da mesma pela França.

Na perspectiva de Gaillard (1993), os primeiros anos vividos em receio permanente de um eventual retorno ofensivo dos franceses levaram a produção de uma literatura que coloca em alívio a vitória sobre o exército de Napoleão¹² e a necessidade de ficar em alerta. Hoffman (1995), por sua vez, expõe para conhecimento essa dupla função da qual a literatura haitiana, anterior à independência, é imbuída. O autor enfatiza que tanto críticos haitianos quanto estrangeiros afirmam que a característica geral mais marcante das obras literárias haitianas é a de serem explicitamente engajadas a serviço de uma causa, mais precisamente de quererem contribuir para o bem-estar do país (HOFFMAN, 1995). O autor enfatiza que:

As gerações sucessivas de escritores haitianos têm focado primeiramente em defender a própria pátria contra as críticas e zombarias maliciosas – e muitas vezes racistas – dos estrangeiros, mas, ao mesmo tempo, em denunciar sem complacência os males da sociedade e falhas da mentalidade haitianas (HOFFMAN, 1995, p. 76).

Com base nessa passagem, notamos que o conteúdo das obras literárias do período é orientado para uma dupla direção: conscientizar os concidadãos e alertar os antigos colonizadores dos perigos aos quais se exporiam às mãos de cidadãos determinados a morrer em vez de recair na escravidão (GAILLARD, 1993; HOFFMAN, 1995). De um lado, há a necessidade de representar aspectos nacionais, de retratar a imagem local e, do outro lado, a necessidade de representar o outro (o aqui-inimigo). Vemos então, ao referir à obra literária da época, que estamos em presença de um duplo discurso: um endereçado aos estrangeiros (tomados como inimigos); outro, aos compatriotas.

Além desse duplo caráter elencado da literatura, é necessário destacar o caráter partidário que atravessava as produções literárias desta época. Tal caráter se dá em

¹² Nesse ponto, as produções literárias se revelam um dever de memória, pois os escritores da época procuravam cantar os heróis, a bravura dos heróis da independência.

decorrência dos impactos do abominável assassinato do proclamador da independência do país, Jean-Jacques Dessalines, em 1806. Este acontecimento trágico provocou a cisão do país de 1806 a 1821 entre Norte, dirigido por um ex-escravizado, Henri Christophe, e o Oeste dirigido por um “mulato”¹³, Alexandre Pétion. Essa cisão impactou as produções literárias do período, pois, sobretudo na poesia, encontrava-se um grupo de escritores em cada parte, compondo versos à mercê do seu chefe respectivo. Era o caso, por exemplo, de Justes Chanlatte, que compôs versos à honra de Henri Christophe, assim autores como Antoine Dupré, Herard Dumesle compôs versos à honra de Alexandre Pétion. Porém, quando se tratava de defender a pátria, esses dois grupos, ideologicamente opostos, convergem através das suas escritas. Isso pode ser resumido neste famoso adágio haitiano: *lenj sal lave nan fanmiy*, que pode ser correspondido ao dito popular brasileiro “roupa suja se lava em casa”.

Uma vez que sua independência foi reconhecida pelo governo Charles X da França em 1825, o Haiti começou a sair do isolamento material e intelectual no qual permanecia. A França abriu o comércio com o Haiti, assim, artigos diversos como revistas, jornais, livros chegaram ao país. Nesse ponto, Jean (2013, p.78) destaca:

Com o reconhecimento do Haiti não se trata mais de preparar-se militarmente e ideologicamente a uma eventual volta dos franceses. Esta ameaça demitida traz a paz, assuntos e temas novos. A situação de paz deve corresponder, doravante, comércio e livros. De fato, a literatura dos pioneiros não se adapta às circunstâncias do momento. Deste fato, a literatura do país deve se reverter um novo aspecto¹⁴.

Consequentemente, impactos desse reconhecimento se fariam presentes na poesia haitiana. E como não houve mais ameaças, eles dispuseram-se a engajar-se nas ranhuras do Romantismo. Foi assim que as produções desta geração de escritores começaram a ser estudadas sob o nome de Romantismo, porque se encontram nelas temas do Romantismo em voga da época. Esse período é nomeado de *A Escola de 1836*, *O Cenacle de 1836* ou *Cenacle des frères*¹⁵ ou ainda de *Début du romantisme haïtien*. Com efeito, o conceito de construção

¹³ Apesar de, muitas vezes, o termo «mulato» ter uma conotação pejorativa, o empregamos neste trabalho tal como foi utilizado na colônia e no Haiti pós-independente: o sujeito de cor da pele clara que gozava mais privilégio em relação ao escravizado e antigo-escravizado de cor da pele escura. A vantagem da cor de pele na colônia era tão evidente que, apesar de os mulatos serem considerados inferiores ao sujeito de cor da pele branca, sob pretexto que têm pele mais clara do que o sujeito de cor da escura, eles não paravam de discriminar esses últimos (JEAN-PIERRE, 2005).

¹⁴ Il n'est plus question, avec la reconnaissance d'Haiti, de parer militairement e ideologiquement à un retour éventuel des Français. Cette menace écartée apporte la paix, le commerce et les livres. À la situation nouvelle de paix même relative doivent désormais correspondre des sujets et des thèmes nouveaux. Aussi la littérature millitaire des pionniers ne s'adapte-t-elle pas aux circonstances de l'heure, aux exigences de la nouvelle conjuncture. A ce compte, la littérature haïtienne doit reverter un nouvel aspect.

¹⁵ Cenacle des frères Nau ou École de 1936 considerado como o segundo período da literatura haitiana. Dentre os representantes desse período, cabe citar: Ignace Nau (1808-1845), Émile Nau (182-1860), Coriolan Ardouin (1812-1838), Eugène Nau (1814-1887).

da identidade nacional (durante o período anterior ao reconhecimento da independência pelo seu arqui-inimigo) impõe-se pelo desejo dos homens de letras que deviam utilizar suas escritas, nesse contexto de vigilância, tanto para defender essa independência quanto para inculcar nos concidadãos um sentimento de orgulho nacional – um povo que não teve muito em comum senão o ódio pelos seus antigos tiranos.

O mais essencial a ser notado nessa seção é que as produções literárias do período que vai de 1804 a 1836 são tingidas pelo caráter combatente, em que os escritores se lançaram em defesa da independência e da soberania do país, e, ao mesmo tempo, preveniram os potenciais invasores dos perigos aos quais se exporiam. Também é possível enxergar que essas obras são tingidas de contradições de várias naturezas, cuja principal é a mistura do amor patriótico e ódio para com o outro (amor patriótico + ódio pelos colonizadores = defesa da liberdade). Ou seja, a liberdade deve ser protegida ciumentamente, ferozmente, sob o preço de sangue: *Swa nou viv lib Swa nou Mouri* (Ou nós vivemos livres, ou morremos todos).

Faz-se necessário salientar aqui que a maioria de produção literária de 1804 a 1836 era de natureza poética (soneto, hino, canção popular). Após as obras poéticas, foram produzidas obras dramáticas e, somente em 1859, foi publicada a obra *Stella*, considerada como o primeiro romance¹⁶ haitiano. Todavia, além de obras poéticas, é necessário destacar a presença de textos dramáticos, panfletos, documentários históricos e memórias históricas.

4 Considerações sobre a poesia haitiana (1804-1836)

Historiadores e críticos da literatura haitiana lamentam a falta de registro durante o período que vai de 1804 a 1836. Não há registros sobre o número de obras literárias, tampouco o número de coletâneas de poemas publicados durante esse período. Na advertência do seu volume intitulado *Histoire de la Littérature Haitienne ou l'âme noire*, Duraciné Vaval salienta:

Este livro contém um quadro dos movimentos literários do Haiti de 1804 até hoje em dia (1933) [...]. Julgamos útil dar algumas citações – mesmo que sejam em algumas linhas – sobre obras de autores estudados para que o leitor tenha uma impressão direta das obras. Esse método impõe-se dado que a maioria das nossas produções literárias (sobretudo aquelas de nossos primeiros escritores) é desconhecida e inatingível. (VAVAL, 1933, p. 4).

Nessa mesma linha de pensamento, Dantès Bellegarde, no seu volume *Ecrivains Haïtiens: notices biographiques et pages choisies*, afirma que, por falta de editores, muitas obras de valor

¹⁶ *Stella* é o romance póstumo de Emeric Bergeaud (1818-1858). Da publicação de *Stella* em 1859 a 1901, foram publicados uns nove romances haitianos (HOFFMAN, 1995, p.187). Isto é, o século XIX haitiano produziu apenas nove romances.

produzidas pelos primeiros escritores haitianos foram perdidas. A maioria dos escritores, – jornalistas, economicistas, sociólogos, prosadores –, publicaram suas obras em jornais que foram inteligíveis. Segundo o estudo de Vaval (1933), a poesia propriamente dita no Haiti iniciou cerca de doze anos após a proclamação da independência, com poetas como Antoine Dupré, Jules Solime Milscent, Justes Chanlatte, Hérard Dumelse, entre outros. Dentre as publicações poéticas mais conhecidas desse período, citam-se: *Voyage dans le nord, Macanda, Jonathas Granville*, de Herard Dumelse; *Hymne à la liberté*, de Antoine Dupré; *Ode à l'indépendance, Cantate à l'indépendance* (1821), *La triple palme* (1822), *Alexandre* (1827), *Haitiade* (1828), de Juste Chanlatte; *Hymne à la liberté* (1825), *Le rêve d'un haïtien* [s/d.], de Jean Baptiste Romane. Observamos que todos os títulos são reveladores, os poetas foram inspirados na luta heroica para a liberdade e independência, se consagraram a incorporar suas origens históricas e a discutir planos de organização social, para parafrasear Dantès Bellegarde (1950).

Enfim, de 1804 a 1836 muitos versos foram escritos. A linguagem poética, conforme salienta Duraciné Vaval (1933), parecia adequada para expressar o pensamento da época, pois poetizavam sobre tudo, sobre qualquer assunto, mas essa avalanche de produção perde-se como os rios no mar, para tomar os termos de Vaval.

5 Análise dos poemas-alvo

Os dois poemas *Macanda* e *Hymne à la liberté*, respectivamente de Herard Dumelse e Antoine Dupré, que serão analisados neste trabalho, são tirados nos respectivos livros, *Poesía negra de América*. México: Ediciones Era, de Luis José Gonzalez & Mónica Mansour e *Le XIX siècle Haitien: histoire de la littérature haitienne*. [S.l.]: Editions Haïti Demain. Arnold Eddy Jean. Não se encontram informações referentes às datas de publicação desses poemas, tampouco onde foram publicados. Todavia, eles são classificados no período que vai de 1804 a 1836. Não se encontra fortuna crítica desses poemas. Alguns historiadores mencionam apenas algumas grandes linhas do segundo poemas. É por isso que a nossa análise se constitui de uma leitura-interpretativa que não se fundamenta em fonte crítica.

5.1 O poema *Macanda*, de Hérard Dumesle¹⁷

Macanda é um poema rimado, constituído de seis estrofes de versos dodecassílabos (doze sílabas). Nesta parte do texto, apresentamos uma análise feita da tradução do poema. Inspirando-se na célebre cerimônia de Boïs Caïman, primeira onda da revolução haitiana, o poema *Macanda* pode ser considerado como uma epopeia da independência haitiana. O poema pode ser dividido em duas partes de três estrofes cada uma. Enquanto na primeira parte, nas três primeiras estrofes, há um mensageiro que veio trazer uma mensagem sagrada aos escravizados, na segunda parte, retratam-se as consequências do advento desse mensageiro na colônia.

A primeira estrofe do poema serve como um prólogo. Nela, há um narrador onisciente que apresenta um mensageiro que é descrito, ao mesmo tempo, como um orador, um sacrificador e redentor. Esse não veio do além (de fora), ele saiu dentre os assistentes; como podemos observar: “Dentre os assistentes se levanta um orador / Tem a augusta coragem de sacrificador / Com ferro sagrado, seu braço à vítima / Carrega o impasse fatal, no flúor que o anima”. Nesses versos, vemos que, saindo dentre os assistentes, o mensageiro recebe a unção divina para libertar seus concidadãos. Para isso, ele devia converter-se em profeta, tentando inculcar-lhes o sentimento da revolta.

Em seguida, evidenciam, nos três últimos versos dessa estrofe, aspectos sacrificiais e messiânicos: “Ela morre Imediatamente / Ele consulta seu franco / Delírio profético! ... holocausto de sangue! ... / Vós desvelais a sentença do nobre empreendimento / Que define os heróis e os immortaliza”. Esses aspectos podem servir de chave para acompanhar o resto do poema.

Na segunda estrofe, o mensageiro empreende um processo de conscientização, recorrendo à linguagem dos ancestrais, que é vista como uma linguagem ingênua, mas portadora de sentido: *Kreyòl pale kreyòl konprann*, que pode ser entendido em português por “o que estamos falando só o nativo pode entendê-lo”. Assim, por meio dessa linguagem codificada, o mensageiro deseja outra experiência para os escravizados: “que nova experiência inflama os corações, / Este Deus, que do sol, acende a tocha, / Que levanta o mar e ralha a tempestade”. Constatemos nesses versos que o autor não disse o Deus, mas este Deus (*ce Dieu*). Nesse ponto o poeta se refere a um Deus específico, que pode ser entendido como o Deus dos Negros, dos escravizados. Cabe-nos reiterar aqui que o poema se inspira na célebre cerimônia do *Bois-Caïman*, na qual os escravizados fugitivos se reuniram e

¹⁷ Poeta, político e jornalista haitiano, Herard Dumesle, (1774-1858) é mais conhecido na literatura haitiana pela sua única coletânea de poemas, *Macanda*. Entre outros, ele escreveu *Réflexions politiques sur la mission de Fontange et Esmangart* (1816), *Voyage dans le Nord d’Haïti ou Révélation des lieux et des monuments historiques* (1824).

compartilharam sua crença na liberdade. Essa cerimônia terminou com uma oração; a seguir as três últimas frases dessa oração, que são cristalizadas no poema:

O deus que cria o sol que nos ilumina, que controla a nuvem e faz raiar a tempestade; escutais: o bom Deus é escondido nas nuvens. De seu trono, ele nos assiste e vê tudo o que os brancos fazem. O Deus dos brancos recomenda o crime, o nosso solicita o bem. Mas o nosso Deus tão bom nos ordena a vingança. Ele vai conduzir nossos braços e ele vai dar-nos assistência. Quebrem a imagem do Deus do Branco que está com nossas lágrimas; ouçam dentre nós mesmos o apelo da liberdade¹⁸.

Em uma relação de intertextualidade, ao considerarmos o poema *Macanda* como texto (A) e a oração da cerimônia como texto (B), a priori, percebemos que, ao ler o texto (A), estamos lendo também o texto (B). Essa relação de intertextualidade, que pode ser correspondida, em Glissant (1990), a uma relação de filiação¹⁹, torna-se importante para examinar o discurso do poema. Nota-se que permite entender que é o Deus dos Negros que está sendo homenageando ao longo do poema.

A terceira estrofe do poema tem uma relação direta com as frases da oração apresentada acima. Nela, o mensageiro, como orador, busca convencer o assistente da bondade suprema desse Deus que é contra o crime. Como podemos ver nestes versos: “Este Deus, não duvide, escondido na nuvem, / Contempla esse país, vê os crimes dos brancos / Seu culto engajado ao crime, e o nosso aos bem-feitos”. Com essa constatação, os versos seguintes aparecem como um apelo à resistência ou à revolta: “Mas, a bondade suprema ordena a vingança / E guiará vossos braços, fortes de sua assistência, / Pisem o ídolo ganancioso das nossas lágrimas”. Nessa linha, cabe-nos ressaltar que o mensageiro, embora saísse dentre os assistentes, se distanciou dos assistentes, tomando a postura de alguém que veio do além. Talvez isso tenha relação com o fato de o mensageiro querer que a sua mensagem tivesse impactos nos assistentes. No último verso, ele implora a liberdade, que é vista como poderosa, para falar a todos os corações.

As outras três estrofes do poema podem ser entendidas como consequência do advento desse mensageiro: veio como um redentor e injetou o sangue de insurreição nas veias dos assistentes. Logo, após o oráculo do mensageiro, a flama da liberdade ascende nos corações do assistente: “O oráculo é pronunciado. A flama ardente / Se espalha como turbilhão para a

¹⁸ Le bon Dieu qui fait le soleil qui nous éclaire d'en haut, qui soulève la nier, qui fait gronder l'orage, entendez-vous, vous autres, le bon Dieu est caché, dans les nuage. Là, il voit tout ce que font les blancs. Le Dieu des blancs commande le crime, le nôtre sollicite des bienfaits. Mais ce Dieu qui est si bon (le nôtre) nous ordonne la vengeance. Il va conduire nos bras et nous donner l'assistance. Brisez l'image du dieu des blancs qui a soif de nos larmes; écoutez en nous-mêmes l'appel de la liberté! (PRICE-MARS, 1928, p.54 citado por JEAN, 20015).

¹⁹ Em *Poétique de la relation*, Glissant postula o conceito de filiação para analisar as relações de apropriação que se estabelecem entre duas tradições ou textos. O conceito de filiação pode ser visto como *cause cachée* (causa implícita), uma mestiçagem.

abóbada, eclatante”. Essa liberdade se intensifica e destrói tudo que se encontrava na sua passagem: “mil diamantes de seus fogos estrelados, / Picam com ferrão nesses desertos em suas sombras veladas / De seus pálidos raios a tremula luz”. O poeta apenas registra nesses versos fatos históricos relacionadas às consequências da Cérémonie du Bois-Caïman, descrita em cima.

Nos versos seguintes, a vítima foi oferecida ao Deus vingativo, o Deus libertador: “Fumaça do incenso, e já sobre ampla maçã, / Livram a vítima oferecida ao deus vingativo, / E que vem acolher este Deus libertador”. É observável que esses versos podem ser lidos como sacrifício para a liberdade.

A quinta estrofe ressalta a situação pós-revolução, quando tudo foi destruído pelo fogo da liberdade. Tudo se reduzia a cinzas: “A pira queimada reduz a uma pilha de cinzas”. Nos versos seguintes, essa destruição é bem-vista, é contemplada, pois foi apenas por meio dela que o princípio sagrado da liberdade podia ser restabelecido. Ou seja, a destruição foi necessária para achavascar o sistema estabelecido até então: “Eles vão levar seus passos na próxima aldeia / Mas seus olhos são atingidos de um prodígio novo ... / Perto de pira, uma coruja caiu /A queda dos perversos anuncia a hecatombe”.

A última estrofe pode ser vista como um alívio, um desfecho feliz. Como foi explicado pelo mensageiro, o intérprete dos deuses, “Todo é purificado nas suas devotas mãos”. Cada um dos conspiradores foi punido furiosamente, segundo os principais da natureza; e conforme o prescrito da razão a Europa perdeu seu poder sobre esses escravizados.

Em suma, é observável, nesse poema, a confrontação de duas forças: a força do bem e a do mal. Isso pode ser entendido como o culto de amor para o bem, a liberdade; e o culto do ódio para o mal, o adversário da liberdade.

5.2 O poema *Hymne à la liberté*, Antoine Dupré²⁰

Hymne à la liberté, por sua vez, é um poema rimado de quatro versos de heptassílabos (versos compostos de sete sílabas). Assim como no primeiro poema, não conseguimos mantê-lo rimado, tampouco de sete sílabas. A ideia é tentar manter o essencial do poema, que é o seu conteúdo.

Na primeira estrofe do poema, o poeta faz evocar o deus do primeiro povo (os Taínos, dos ameríndios), que vivia na ilha antes da chegada de Cristóvão Colombo. Esse povo

²⁰ O poeta e dramaturgo haitiano, Antoine Dupré (1782-1816), é principalmente conhecido graças à coletânea de poemas *Hymne à la liberté*. Além dela, publicou *Le rêve d'un Haïtien* e duas peças teatrais: *La mort du général Lamarre* e *La jeune fille*.

adorava o Sol como deus criador. Nesse parâmetro, a primeira estrofe desse poema pode ser lida como uma honra aos primeiros habitantes da ilha: “Sol, Deus de nossos ancestrais / Ô tu de que o calor / Faz existir todos os seres / Obra do criador”. Comportando-se como um adulto que já perde sua energia, porém quer lutar, o poeta evoca esse deus para pedir-lhe força para cantar a liberdade: “Perto de terminar minha carreira / Que tua majestade clareza / Ilumina para sempre minha pálpebra / Para cantar a liberdade”. A liberdade é empregada aqui como sinônimo de independência. Dupré utiliza a palavra liberdade para rimar o poema. Notamos, já nessa estrofe, que a independência e/ou liberdade é vista como fonte de admiração, de contemplação.

A segunda estrofe do poema pode ser resumida em um adágio haitiano: *zonbi goute sèl li pa mande rete*, que pode ser traduzido em português, como “o escravizado desfruta a liberdade, nunca deseja viver sem ela”. A priori, nessa estrofe, a liberdade e/ou independência tem que ser amada, protegida, cantada e admirada até o último suspiro. Como observamos: “Liberdade virgem querida! / Quando meus olhos se abram ao dia, / E apenas tu tiveste meu amor, / O tumulto destrói a flama, / O sentimento, o desejo, / Ah! Esquentas ainda minha alma / Após meu último suspiro”. O que precisamos notar nesses versos é que a natureza do amor pela liberdade implica, nesse poema, o desamor ou o amor sádico para quem entrave a liberdade.

Dessa forma, o antigo escravizado não pode negociar – de jeito nenhum – essa liberdade, fruta sagrada, mas conquistada a preço de sangue. Essa estrofe faz lembrar Jean-Jacques Dessalines, chefe da revolução haitiana, que, em plena luta, declarou:

[...] Juramos de lutar até o último suspiro pela independência do nosso país.
[...] Quero manter comigo nesta fortificação apenas corajosos. Que aqueles que querem tornar-se escravizados do branco saiam da fortificação. Que ao contrário todos que querem morrer como homens livres se organizem em torno de mim [...].
[...] Nós ousámos ser livres, ousamos sê-lo para nós mesmos e por nós mesmos²¹.

Essas declarações serviam de aparato não apenas para as primeiras gerações de poetas, mas também para as de poetas de até o final do século passado, para não dizer até o hoje.

Na terceira estrofe, o poeta lamenta a transitoriedade da vida e da natureza: “Conforme as leis naturais / Todo nasceu, vive, morre; / A palmeira perde suas verduras, / O limoeiro perde suas frutas, / O homem nasceu para cessar de ser”. No entanto, logo ele se pergunta se tudo não renasceria, se o homem amasse a liberdade. Ainda, nessa estrofe, o que prevalece é o amor pela liberdade, pela independência; e liberdade é vista como signo de vida e de posteridade.

²¹ Apesar de essas declarações terem sido registradas em francês, haitianos de todas as categorias (letras, iletrados) as memorizaram; cantaram-nas.

Enfim, na última estrofe, de um lado o poeta personifica o Haiti, desejando que a mocidade seja infectada pelo vírus do amor patriótico, que o amor à pátria seja acima de tudo: “Haiti mãe querida / recebes meu adeus / que o amor pela pátria / inflama todos os netos”. Por outro lado, como adulto que perde sua força e sua energia, o poeta reconhece que o futuro não lhe pertence mais, pertence aos jovens. Com efeito, dizendo seu adeus a Haiti, ele exorta a mocidade de assumir o futuro do Haiti, a mãe pátria. No final da estrofe, amaldiçoa os antigos tiranos, que são vistos como possíveis agressores: “Se algum dia sobre esta terra / Reapareceriam nossos tiranos / Que suas hordas fugitivas servirem fertilizantes para nossos campos”. Observemos o tom de violência exprimido no poema; o poeta sugere que a construção do civismo se dê pelo culto do ódio pelo inimigo, pela contaminação do amor patriótico, pelo desejo de defender a pátria, musa-amada, a bem-amada até os últimos suspiros.

Faz-se necessário observar que tanto na análise do primeiro poema quanto na análise do segundo, é primada a independência, configurada como princípio natural – princípio sagrado. Como princípio sagrado, através dos seus poemas, os poetas o cantam, admiram-no e buscam incentivar os concidadãos a defender essa liberdade – mãe e fonte da felicidade. Em relação à maneira como se dão esses processos, podemos salientar que eles se dão pelo culto de amor patriótico e de ódio pelo outro (os antigos tiranos e eventuais agressores). O amor patriótico deve estabelecer relação amorosa entre o desejo de defender a fonte da liberdade e o desejo sádico de castigar furiosamente todos que pretendem pisar nesse princípio sagrado. Desrespeitar a liberdade é agredir a natureza – e agredir a natureza é trabalhar para receber de volta uma sentença furiosa. Em certa medida, pode-se dizer que a natureza de inculcar sentimento cívico nos cidadãos, na poesia desse período é negação do outro, tomado como o arqui-inimigo. E o outro encontrado nos poemas analisados é o *colon* [o colono], o colonizador.

6 Considerações finais

As discussões apresentadas, ao longo deste trabalho, evidenciam que a temática de identidade nacional é o resultado de processo de construção de valores e referências *para e com* um determinado povo, em um determinado espaço territorial. De fato, a construção de identidade é um processo contínuo, que se efetua por meio de uma série de seleções e definição de valores, de afirmações e de identificações. É notável que a memória histórica ocupa lugar de destaque nesse processo. Como ressalta Glissant (1990), no que diz respeito às literaturas caribenhas, após o colapso do sistema escravocrata, as literaturas que se afirmaram no seu espaço foram marcadas grandemente por traços gerais para a construção de um

sentimento de pertencimento. Entende-se, portanto, o porquê de os primeiros escritores haitianos buscarem definir, nas suas obras, referências e valores para a nação recém-nascida. No decorrer deste trabalho, observamos que a construção da identidade da nação se dá pela representação dos heróis, pela exaltação dos ancestrais, pela recordação da memória, pela definição de valores e, ao mesmo tempo, pela negação do outro (considerado como ameaça).

A análise dos poemas *Macanda* e *Hymne à la liberté* demonstrou até que ponto o discurso poético do período anterior ao reconhecimento da independência do Haiti particularmente pela França foi imbuído pelo conceito de construção e afirmação de uma identidade coletiva. Pela leitura desses poemas, observamos que, na poesia haitiana desse período, a construção e a afirmação da identidade nacional se davam pela defesa da independência ignorada e pelo desejo dos escritores de inculcar nos concidadãos o sentimento patriótico. O cotejo entre esses dois poemas nos permitiu observar que os processos de construção de uma sensibilidade nacional se dão pela modelagem do amor e do ódio (amor para a pátria e ódio para os tiranos, os *colons*). Em outros termos, na construção e afirmação da identidade nacional, os conceitos de amor e de ódio são representados na poesia haitiana, durante o período que vai de 1804 (independência) a 1830, como duas faces de uma mesma moeda.

Referências

BELLEGARDE, D. **Ecrivains Haïtiens**: notices biographiques et pages choisies. Port-au-Prince: Editions Henri Deschamps, 1950.

COUTINHO, A.; COUTINHO, E. F. **A literatura no Brasil**. 5. vol. 3. ed., rev. e atualizada. Rio de Janeiro, RJ; Niterói, RJ: José Olympio: EdUFF, 1986.

DUMELSE H. *Macanda*. In. GONZALEZ, L. J.; MANSOUR M. **Poesia Negra de América**. México: Ediciones Era, 1976, p. 329-330.

DUPRÉ, A. *Hymne à liberté*. In. JEAN, A. E. **Le XIX siècle Haïtien**: histoire de la littérature haitienne. Editions Haiti demain, s/l. 2013. P.37-38.

FRIENKIELKRAUT, A. **L'identité malheureuse**. Paris: Stock, 2013.

GAILLARD, R. L'indigénisme haïtien et ses avatars. L'école indigéniste: place dans l'histoire et la littérature haïtienne. In. **Conjonction**, n. 197, janvier-mars, 1993. p. 9-26.

GLISSANT, É. Poétique de la relation. **Poétique III**. Paris: Gallimard, 1990.

HALL, S. **A questão da identidade cultural**. Revisão técnica de Antonio Augusto Arantes Neto; Tradução de Andrea Borghi Moreira Jacinto, Simone Miziara Frangella. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH, 1995.

HOFFMAN, L.-F. **Littérature d’Haïti**. [S.l.]: Collection Universités francophones, EDICEF/AUPELP, 1995.

HURBON, L. **Comprendre Haïti**: essai sur l’état, la nation, la culture. Paris: Les Éditions Karthala, 1987.

JEAN-PIERRE, J. R. **La Révolution anti-esclavagiste et anti-colonialiste de Saint-Domingue 1789 - 1804**. Coconut Creek: Educa Vision, 2005.

JEAN, A. E. **Littérature haïtienne**: le dix-neuvième siècle haïtien. Tom.1. Port-au-Prince: Haiti-Demain, 2013.

JEAN, D. **Donos do orvalho de Jacques Roumain**: um projeto social para o Haiti pósterremoto. 2015. 62f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Curso de Letras, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2015.

LAROCHE, M. **La double scène de la représentation**: oraliture et littérature de la Caraïbe. Quebec: Grelca, collection Essais, no. 08, 1991.

LAROCHE, M. **La littérature haïtienne: Identité, langue, réalité**. Montréal: Les Éditions Leméac, inc., 1981.

PRICE-MARS, J. **Ainsi parla l'oncle**: Essai d'ethnographie. New York: Parapsychology Foundation Inc., 1928. Québec: Éd. numérique, 2008. Disponível em: <http://classiques.uqac.ca/classiques/price_mars_jean/price_mars_jean.html>. Acesso em: 10 ago. 2017.

PRICE-MARS, J. **De Saint-Domingue à Haïti**: Essai sur la Culture, les Arts et la Littérature. Paris, Présence africaine, 1959. Québec: Éd. numérique, 2010. Disponível em: <http://classiques.uqac.ca/classiques/price_mars_jean/de_saint_domaingue_a_haiti/de_saint_domaingue_a_haiti.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017.

VALVAL, D. **Histoire de la littérature haïtienne ou littérature de l’âme noire**. Port-au-prince: Imprimerie Aug. A. Hereaux, 1933.

THIESSE, A-M. **La création des identités nationales**: Europe XVIIIe-XXe siècle. Paris: Editions du Seuil, 1999.

ANEXO A – POEMAS ANALISADOS

i) *Poema 1*. DUMELSE, Hérard. *Macanda*.

Parmi les assistants se lève un orateur:
Il a l'auguste emploi de sacrificateur.
Muni d'un fer sacré, son bras a la
victime
Porte le coup fatal, dans l'ardeur qui
l'anime
Elle meurt ... Aussitôt il consulte son
flanc.
Délire prophétique! ... holocauste de
sang! ...
Vous dévoilez le sort de la noble
entreprise
Qui forme les héros et les immortalise!

Il parle, et ce langage aimé de nos aïeux,
Ce langage ingénu qui semblait fait
pour eux,
Dont les accents naïfs, peinture de leur
âme,
Prétant plus d'onction à ce discours de
flamme,
Electrises les cœurs par un transport
nouveau:
"Ce Dieu qui du soleil alluma le
flambeau,
"Qui soulève les mers et fait gronder
l'orage,
"Ce Dieu, n'en doutez pas, caché dans
un nuage
"Contemple ce pays, voit des blancs les
forfaits,
"Leur culte engagé au crime, et le nôtre
aux bienfaits.
"Mais la bonté suprême ordonne la
vengeance
"Et guidera vos bras; forts de son
assistance,
"Foulons aux pieds l'idole avide de nos
pleurs.
"Puissante Liberté! viens... parla à tous
les cœurs" ...

DUMELSE, Hérard. *Macanda*.

Dentre os assistentes se levanta um
orador:
Tem a augusta coragem de sacrificador
Tendo um ferro sagrado, seu braço
como vítima
Carrega o impasse fatal, no flanco que o
anima
Ela morre Imediatamente ele
consulta seu flanco.
Delírio profético! ... holocausto de
sangue! ...
Vós desvelais a sentença da nobre
empreendimento
Que define os heróis e os immortaliza

Ele fala, com palavra amada dos
ancestrais,
Palavra ingênua como feitas para eles,
Que os acentos ingênuos, pintura da sua
alma,
Presta mais união a este discurso de
flama,
E de nova experiência informa os
corações,
Este Deus, que do sol, acende a tocha,
Que levanta o mar e ralha a tempestade.

Este Deus não duvide, escondido na
nuvem,
Contempla esse país, vê os crimes dos
brancos,
Seu culto engajado ao crime, e o nosso
aos bem-feitos.
Mas, a bondade suprema ordena a
vingança
E guiará vossos braços, fortes de sua
assistência,
Pisem o ídolo ganancioso das nossas
lágrimas
Poderosa liberdade! vem ... fala a todos
os corações.

L'oracle est prononcé. La flamme
dévorante
S'élançe en tourbillons vers la voûte
éclatante.
D'où mille diamants de leurs feux
étoilés, .
Dardent sur ces déserts en leurs ombres
voilés
De leurs pâles rayons la tremblante
Iurnière.
L'encens fume et, déjà sur une ample
litière,
On livre la victime offerte au dieu
vengeur,

Et que vient d'accueillir ce dieu libérateur

Le bûcher consumé n'est plus qu'un tas
de cendre.
Ils consacrent ce bois, leurs chants s'y
font entendre.
Ils vont porter leurs pas dans le
prochain hameau.
Mais leurs yeux sont frappés d'un
prodige nouveau ...
Près du bûcher fumant une chouette
tombe,
La chute des pervers annonce
l'hécatombe.

L'interprète des dieux explique leurs
desseins,
Tout est purifié dans ses pieuses mains.
Chacun des conjurés décoré d'une
plume,
Dans ce frêle ornement voit, suivant la
coutume
De ces rites divers que proscriit la raison,
L'amulette sacrée inconnue à jason,
Que l'Europe adore sous la loi d'un
pontife,
Fanatique rival de l'indigne Calife.

O oráculo pronunciado. A flama ardente
Se espalha como turbilhão para a
abóbada, incandescente,
Surgiram mil diamantes de seus fogos
estrelados,
Picam com ferrão nesses desertos em
suas sombras veladas
De seus pálidos raios a tremula luz.

Fumaça do incenso, e já sobre ampla
maçã,

Livram-se a vítima oferecida ao deus
vingativo,

E vem acolher esse deus libertador.

A pira consumada reduziu a uma pilha
de cinzas.
Eles consagram a madeira, suas canções
fazem ouvi-los.
Eles vão levar seus passos na próxima
aldeia.
Mas seus olhos são atingidos de um
prodígio novo ...
Perto de pira, uma coruja caiu
A queda dos perversos anuncia a
hecatombe.

O intérprete dos deuses explica os
destinos deles,
Todo é purificado nas devotas mãos.
Cada um dos suplicadores decorados de
uma pluma,
Neste débil ornamento vê, conforme o
costume
Destes rituais diversos proscreeve a
razão,
O amuleto sagrado, desconhecido com
jasão,
Que a Europa adora sob a lei de um
pontifica,
Fanático rival do indigno Califa.

ii) Poema 2. DUPRÉ, Antoine. *Hymne à liberté*. DUPRÉ, Antoine. *Hino à liberdade*

Soleil, de nos Dieu de nos ancêtres
O toi de qui la chaleur
Fait exister tous les êtres,
Près de finir ma carrière
Que ton auguste clarté
Eclaire encore ma paupière
Pour chanter la liberté.

Liberté, vierge chérie!
Quand mon œil s'ouvrit au jour,
Pour t'aimer, jamais la vie
Et toi seul eût mon amour,
Le tombeau détruit la flamme,
Le sentiment, le désir,
Ah! brûle encore mon âme
Après mon dernier soupir.

Par la loi de la nature
Tout naît, tout vit, tout périt;
Le palmier perd sa verdure,
Le citronnier perd son fruit,
L'homme naît pour cesser d'être.
Mais la postérité
Ne devrait-il pas renâitre,
S'il aimait la liberté?

Haiti, mère chérie!
Reçois mes derniers adieux
Que l'amour de la Patrie
Enflamme tous nos neveux
Si quelque jour sur les rives
Reparaissent nos tyrans
Que leurs hordes frugitives
Servent d'engrais à nos champs.

Sol, Deus de nossos ancestrais
Ô ti de que o calor
Faz existir todos os seres,
Obra do criador,
Perto de terminar minha carreira
Que tua majestade clareza
Ilumina para sempre minha pálpebra
Para cantar a liberdade.

Liberdade virgem querida!
Quando meus olhos se abram ao dia,
Para amar-te, jamais a vida
E apenas tu tiveste meu amor
O tumulto destrói a flama,
O sentimento, o desejo,
Ah! Esquentas ainda minha alma
Após meu último suspiro.

Conforme as leis naturais
Todo nasceu, vive, morre;
A palmeira perde suas verduras,
O limoeiro perde suas frutas,
O homem nasceu para cessar de ser.
Mas na posteridade
Não deveria renascer,
Se o homem amava a liberdade?

Haiti, mãe querida!
Recebes meu adeus
Que o amor da Pátria
Inflama todos nossos netos
Se algum dia sobre esta terra
Reapareceriam nossos tiranos
Que suas hordas fugitivas
Servem de fertilizantes para nossos campos.